



Pontos críticos e poder convergente no processo  
de orientação: fábulas, casos, palcos e bastidores

R. Parry Scott  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
Universidade Federal de Pernambuco

e-mail: [scott@hotlink.com.br](mailto:scott@hotlink.com.br)  
Recebido em: agosto 2004

## Resumo

*A relação entre orientador e orientando é uma aliança caracterizada pelo poder convergente, no sentido que ambos estão contribuindo para a construção do saber sobre determinados assuntos por eles valorizados. Esta convergência salutar é realizada num prazo específico, com regras norteadoras que reforçam a ocorrência de pontos críticos ao longo do processo. Estes pontos críticos testam a força da aliança de poder convergente, ressaltando questões tanto do poder desigual, quanto da intensidade emocional que permeia uma atividade que se reveste de importância para identidades profissionais e pessoais. Apresentam-se algumas fábulas sobre a orientação que ressaltam a relação de poder. Depois examina "pontos críticos" que incluem horas de definições formais (escolha de orientação, defesa de projetos, qualificações e defesas formais de trabalhos – monografias, dissertações e teses), entendidos com sumiços, reaparecimentos e estratégias disciplinares. Discutem-se também o nervosismo, emoções, rompimentos e uniões que abrem um leque de questões sobre as horas mais informais de acertar o caminho.*

## Palavras Chaves

*Orientação, poder convergente, formação disciplinar, antropologia, construção de saber*

## Abstract

*The relation between advisor and advisee is an alliance characterized by convergent power in the sense that both are contributing to the construction of knowledge about themes that are valued by them. This "healthy convergence" is undertaken in a specific time frame with regulations that reinforce the occurrence of critical points throughout the process. These points test the force of the convergent power alliance, highlighting questions such as unequal power, and emotional intensity, which permeate this activity that confers important professional and personal identities. Some fables that bring out the power relations about advising are presented. The "critical points", including times of formal definition (choice of the advisor, project defense, qualifying exams and monographic, dissertation and thesis defenses) are then discussed with reference to disappearances, reappearances and academic disciplinary strategies. Nervousness, emotions and breaking up are discussed, introducing an array of questions concerning the more informal times of finding the way.*

**A** orientação acadêmica é uma atividade definidora da qualidade da formação disciplinar, mas é uma atividade muito pouco problematizada no que se escreve sobre esta formação.<sup>1</sup> A relação entre orientador e orientando é uma aliança caracterizada pelo poder convergente, no sentido de que ambos estão contribuindo para a construção do saber sobre determinados assuntos por eles valorizados. Esta convergência salutar é realizada num prazo específico, com regras norteadoras que reforçam a ocorrência de pontos críticos ao longo do processo. Estes pontos críticos testam a força da aliança de poder convergente, ressaltando questões tanto do poder desigual quanto da intensidade emocional que permeia uma atividade que se reveste de importância para identidades profissionais e pessoais. Os “pontos críticos” incluem momentos de definições formais (escolha de orientação, defesa de projetos, qualificações e defesas formais de trabalhos – monografias, dissertações e teses) e momentos mais informais de acertos do caminho que abarcam uma imensa diversidade de assuntos. Usando termos popularizados por Goffman (1968) e James Scott (1985, 1990), é possível observar que uma relação de poder convergente situado no *palco* da construção dos saberes disciplinares é tomada por elementos dos *bastidores*, que comunicam questões de poder e de subjetividade que se tornam chaves para a avaliação da experiência do processo de orientação.

### Algumas fábulas

As histórias que circulam no campo de orientação acadêmica retratam uma relação desigual, inerente à própria concepção do

processo. Ao mesmo tempo, sugerem um poderoso fenômeno subterrâneo de manipulação das relações para favorecer os mais fracos, ou seja, os orientandos. Vejamos três fábulas que ressaltam a aguçada consciência das relações de poder neste palco. As próprias fábulas narram as suas realidades nos terreiros imaginários da natureza falante, do religioso moralizante e da magia espiritual, formando um campo povoado pela valorização da presença de poderes excepcionais.

A primeira fábula, eu a ouvi de um colega em vias de terminar a sua tese e, por isso, super-atento à leitura das relações de poder na orientação. Depois de me contar a fábula, indicou que seria fácil de encontrá-la na Internet para acertar os detalhes. De fato encontrei na primeira busca no site *www.geocities.com/trabalhostecnicos*. Este site é idealizado para apoiar a realização de teses e monografias para os que procuram “orientadores paralelos” aos que os seus programas lhes oferecem – ou seja, um aproveitador comercial das dificuldades encontradas no processo de orientação e criação de conhecimento.

A história é extraída do mundo competitivo da natureza, e se chama “a tese dos pássaros”:

Um dia lindo e ensolarado, o pássaro saía de sua gaiola com o notebook, e pôs-se a trabalhar, bem concentrado.

Pouco depois, passou por ali o gato, e viu aquele suculento passarinho tão distraído que chegou a salivar. No entanto, ficou intrigado com a atividade do pássaro, e aproximou-se, curioso:

– Passarinho, o que você está fazendo aí, tão concentrado?

– Estou redigindo minha tese de doutorado - disse o pássaro, sem tirar os olhos do trabalho.

– Hummmm... E qual é a sua tese?

– Ah, é uma teoria provando que os pássaros são os verdadeiros predadores naturais dos gatos.

O gato ficou indignado:

– Ora! Isso é ridículo! Nós é que somos os predadores dos pássaros.

– De modo algum! Venha comigo ao meu esconderijo que eu mostro a minha prova experimental.

O pássaro e o gato entram no esconderijo. Poucos instantes depois, ouvem-se alguns ruídos indecifráveis, alguns poucos grunhidos e depois silêncio. Em seguida, o pássaro volta sozinho, e mais uma vez retoma os trabalhos de sua tese, como se nada tivesse acontecido.

Meia hora depois passa uma raposa. Ao ver o apetitoso passarinho, agradece mentalmente a cadeia alimentar por estar com seu jantar garantido. No entanto, a raposa acha também muito curioso um pássaro trabalhando naquela concentração toda. A raposa resolve então saber o que é que se passa ali, antes de devorar o passarinho:

– Olá, jovem passarinho! O que o faz trabalhar tão arduamente?

– Minha tese de doutorado, sua raposa. É uma teoria que venho desenvolvendo há algum tempo e que prova que nós, pássaros, somos os grandes predadores naturais de vários animais carnívoros, inclusive raposas.

A raposa não se conteve e farfalha de risos com a petulância do pássaro.

– Ah, ah, ah, ah!!! Passarinho. Meu apetitoso passarinho! Dentro do esconderijo do pássaro vê-se uma enorme pilha de ossos ensangüentados e pelancas de diversas ex-raposas e, ao lado desta, outra pilha ainda maior de ossos e restos mortais daquilo que um dia foram gatos. Ao centro das duas pilhas, um enorme LEÃO, satisfeito, bem alimentado, a palitar os dentes.

*Moral da História:*

1. Não importa quão absurdo é o tema de sua tese.
2. Não importa se você não tem o mínimo fundamento científico.
3. Não importa se os seus experimentos nunca cheguem a provar sua teoria.
4. Não importa nem mesmo se suas idéias vão contra o mais óbvio dos conceitos lógicos...
5. O que importa é... QUEM É O SEU ORIENTADOR... (Veja o passarinho, tinha um LEÃO a orientá-lo).

A segunda história é extraída do mundo sagrado das prescrições morais religiosas, e circula entre os orientandos espertos com vontade de não se exporem às intempéries de orientadores contra-

riados, referindo-se a uma escrita sagrada a ser fielmente seguida. Esta história chegou às minhas mãos através da fiel atuação de uma orientanda muito esperta que soube responder ao meu apelo de ajuda, me dando exemplos para desenvolver este trabalho sobre orientação:

OS 10 MANDAMENTOS DO(A) ORIENTANDO(A)  
(Elementos da dominação carismática)

1. Humilhe-se.
2. Ame o orientador(a) sob todas as coisas.
3. O orientador(a) nunca está errado, mesmo estando.
4. Siga a mesma linha teórico-metodológica que seu(sua) orientador(a) segue. Leia tudo o que ele(a) escreveu e divulgue suas obras: livros, publicações em revistas, jornais, página na Internet. etc.
5. Nunca deseje o orientador(a) do próximo.
6. Guarde dias e horas da orientação.
7. Honre seu(sua) orientador(a), participando de congressos e reuniões, sem nunca esquecer de mencioná-lo(a).
8. Esteja sempre com papel e caneta em mãos – seu(sua) orientador(a) pode precisar.
9. Guarde o dia do aniversário do seu(sua) orientador(a) – e dos filhos, do(a) esposo(a). Dê um presente para o seu(sua) orientador(a): diga que ele(a) é inteligente, sábio e humilde, ainda que ele(a) não seja.
10. Orientando(a) não tem direito a ter nenhum direito.

A terceira história, que me chegou pelo mesmo caminho da segunda, é extraída do mundo da magia e dos poderes espirituais, e alerta contra a esperteza acentuada de orientadores que saibam lidar com o poder para extrair o máximo dos seus orientandos. Chama-se “No meio do caminho havia uma lâmpada”.

Três sujeitos caminhando lado a lado, na hora do almoço. O orientador, o bolsista de pós-graduação e o bolsista de graduação. De repente, eles vêem uma lâmpada velha, dessas bem antigas, das *mil e uma noites*.

O orientador pega a tal lâmpada e dá uma esfregadinha

com a mão...

Logo aparece uma fumaceira e sai um Gênio, daqueles grandes, que diz:

- Normalmente eu concedo TRÊS desejos, mas já que vocês são três, um para cada um...

O bolsista de graduação gritou:

- Primeiro eu, primeiro eu!

- OK, disse o gênio...

- Gênio, quero ir para as Bahamas, ficar por lá com uma escrava sexual colocando uvas na minha boca, à beira da piscina do melhor hotel que houver por lá e sem nenhum tipo de preocupação monetária ou de saúde.

Buum! O cara desapareceu.

- Agora eu, gritou o bolsista de pós-graduação...

- Pode falar, disse o GÊNIO.

- Seu Gênio, me manda para Honolulu. Quero duas gatas dessas bem gostosas para me acompanhar, ficar fazendo surf o ano inteiro, só coçando o saco e cheio de piña colada pra tomar, à vontade mesmo....

BUM! Lá foi o cara embora para os Mares do Sul.

Então o Gênio disse ao orientador: - Agora você!

E este diz: - Quero esses dois safados de volta no laboratório depois do almoço!!

*Moral da história:*

Deixem o orientador sempre falar primeiro.

Pelas fábulas que se contam sobre o processo de orientação, parece que ele guarda enormes semelhanças com os processos que aprendemos a associar às instituições totais. O poder instituído na relação é inquestionável, e é preciso elaborar maneiras informais de amenizar as condições de trabalho, verdadeiras armas de resistência dos mais fracos (Scott 1985, 1990).

Quanto à analogia com as instituições totais, tão caras ao trabalho de Goffman, há algumas diferenças que merecem ser lembradas. Todos os orientadores já foram orientandos (o que não se pode dizer de profissionais que administram prisões, manicômios e outras instituições totais semelhantes). A orientação faz parte de um processo de ascensão no campo de academia, e não essencialmente de manutenção e guarda de sujeitos em processo de recuperação, que predomina entre

as "instituições totais" clássicas citadas. E ainda, quando bem realizada, a orientação é um processo temporário e transitório já com data definida para o "fim da sentença". Não cabe dúvida que ser temporário e transitório faz parte do ideário de algumas instituições totais para alguns dos seus integrantes, mas a probabilidade de um prolongamento do período de sujeição à instituição é muito maior em prisões e manicômios, apesar dos enormes esforços de alguns orientandos, com cumplicidade dos seus orientadores, de eternizar a sua condição de sujeito em preparação, adiando datas de defesa da sua alvará de soltura.

O que poderia caracterizar melhor esta relação, tomando-se como ponto de partida que toda relação social é uma relação de poder (Adams 1975 e Weber 1968) e que a orientação é um caso particularmente exacerbado de desigualdade de poder na relação, é que tanto orientador quanto orientando agem nestas relações, como descreve Goffman (1968) e elabora mais James Scott (1990), "no palco e nos bastidores", apresentando os comportamentos e valores prescritos como adequados à relação formal nas ocasiões de interação direta e formalizada, e guardando outros comportamentos quando integrados em ambientes mais afastados da inter-relação direta. Estas práticas contribuem para um processo menos pedregoso de orientação, mas mesmo assim há momentos, que designamos de pontos críticos, quando quer a desigualdade quer a cumplicidade são trazidas à tona. Avaliados de perto, estes pontos mostram a importância de que ambos, orientador e orientando, entendam que, mesmo diante da desigualdade reinante, estão num processo de "poder convergente" dentro do qual os dois apostam no bom aproveitamento para o outro, bem como no florescimento do seu campo de saber. Em alguns destes momentos críticos, os bastidores se tornam palco e os elementos de interesse compartilhado mais amplo do campo de orientação ficam mais evidentes.

Seria ambicioso demais pontuar todos os momentos críticos de um processo tão complexo e cheio de acontecimentos e fases diferentes quanto é o processo de orientação. Por isso, com a inspiração das fábulas citadas e de algumas histórias que de fato ocorreram e que vou contar, reflito sobre convergências e divergências de interesse passando pela escolha do orientador e do orientando, pe-

los sumiços, reaparecimentos e estratégias disciplinares<sup>2</sup>, e pelos rompimentos e pelas uniões.

Para os efeitos desta discussão, estou entendendo, em termos amplos, o “palco” como a definição de teorias, temas e técnicas no contexto institucional, e os “bastidores” como elementos não institucionais, sejam designados como subjetivos, cotidianos, de afinidade, de vaidades e “timidez” e da construção social do tempo efetivamente disponível. Palco e bastidores se unem na construção de campos de saber e redes de ação que forjam carreiras no domínio<sup>3</sup> disciplinar.

Insisto, primeiro, na presença ativa de dois atores que valorizam diferentemente as suas ações nos seus palcos e nos seus bastidores; e, segundo, que a desigualdade inerente na relação não impede que ambos exerçam controle sobre a construção do domínio de um poder convergente comum.

### **A escolha do orientador e do orientando**

Aceitar entrar numa relação desigual como é a da orientação implica numa avaliação pelo orientador e pelo orientando de acordo com os limites permitidos na estrutura do programa onde operam. A avaliação sempre sofre dos constrangimentos deste contexto institucional.

Nesta escolha, evidentemente, a primeira questão é sobre a sintonia entre o *tema* proposto pelo orientando e as áreas de competência própria percebidas pelo orientador. A segunda questão é que, quanto mais próximas as abordagens teóricas e técnicas de trabalho conhecidamente favorecidas pelo orientador, mais este ficará propenso a concordar, mesmo reconhecendo que há uma margem de maleabilidade criativa que precisa ser respeitada para que a construção das questões seja feita de uma forma que estimule uma produção própria do orientando. Uma terceira questão são as determinações institucionais sobre as possibilidades da orientação ocorrer. E uma quarta questão, mas subjetiva, mas que talvez se sobrepeça parcialmente a todas as outras, se relaciona com os gênios pessoais do orientador e do orientando e a empatia ou antipatia (mútua ou não) daí resultante. Em palavras mais diretas, o programa permitindo, se os dois não se afinam, a escolha não sai. O estabelecimento inicial de uma relação orientador/orientando passa por qualidade, por quantidade e por empatia.

Do lado dos orientadores, a sua própria disponibilidade de

trabalhar de acordo com a sua agenda de aula, pesquisa e orientação, bem como o seu enquadramento nas exigências de instituições normativas institucionalizadas (especialmente CAPES, CNPQ e comissões locais que sugerem e fazem a mensuração sobre a quantidade ideal de orientações para cada docente) pesam muito na decisão. O orientador tem como fugir da orientação alegando sobrecargas de trabalho (mesmo que não acione esta questão na aceitação de uma orientação, não há docente que não se acha sobrecarregado) ou impedimentos formais intransponíveis.

Para os orientandos, não há como questionar a necessidade de escolher um orientador. Estas escolhas estão restritivamente delimitadas pelos critérios aceitos pelas instituições onde estão fazendo o curso. Se pela sua parte um orientador pode declinar, tal opção não existe para o orientando. Ele pode não convidar um ou outro, mas há prazos que marcam a sua passagem transitória pelo curso, e um destes prazos se refere à definição da orientação. A sintonia do tema e a convergência de abordagens e técnicas preferidas continuam fundamentais, mas não há como negar a importância da outra questão, da empatia, que entra fortemente em consideração. A descoberta de que os orientadores que lidam com o tema que o orientando quer trabalhar sejam percebidos como pessoalmente insuportáveis pelo orientando pode desencadear uma crise de avaliação da relevância do curso e, na pior das circunstâncias, resultar no abandono do curso.

O palco da escolha da orientação desenrola-se e é reforçado constantemente ao longo da participação do orientando no curso por elementos desta qualidade. Há frequentes momentos institucionais em que este palco se torna muito evidente (defesas de projetos, qualificações e defesas de monografias para titulação, sobretudo). Retomando a questão de gênios pessoais e empatias, fica evidente que de lado do orientando há pessoas cujas teorias, temas e técnicas empregadas, por mais que tenham relevância para a elaboração do trabalho, não permitem uma afinidade nas relações pessoais. A percepção desta falta de afinidade é construída na interação cotidiana, na realização de disciplinas, na observação das práticas com outros orientandos e numa infinidade de outras horas que o contato que o contexto institucional oferece. Esquivar-se desta escolha por estas razões pessoais, muitas vezes favorecidas por orientadores pouco dispostos a investir na formação de certos alunos, é uma saída viável. Mesmo que resulte no acirramento da

competitividade interna entre os docentes, intensificado por questões de “sênioridade” (tempo no curso) ou visibilidade no campo disciplinar, optar pela orientação por outra pessoa pode garantir um processo de aprendizado e diálogo mais frutífero para a formação do orientando.

Para não ficar excessivamente dependente de uma única relação, para alguns orientandos a co-orientação é percebida como desejável. A aceitação deste artifício, por sugestão seja do orientador, seja do orientando, além de depender das regras do programa, requer uma negociação aberta de lacunas e complementações de parte dos orientadores, que precisam reconhecer competências especializadas nos seus colegas. A justificativa da inclusão de outro docente de fora do quadro dos docentes do curso evidencia mais claramente este papel de complementação. Quando é interno ao próprio programa, é mais complicado. O poder entre colegas e o cargo efetivo de trabalho que o acompanhamento do trabalho vai requerer são medidos, explícita ou implicitamente, pelos orientadores, alguns colaborando sem dificuldades, outros recusando-se a colaborar. O orientando com um orientador e um co-orientador, embora enfrente o jogo de equilíbrio de satisfazer a dois, pode justificar inclusões de assuntos e abordagens no seu trabalho por causa da anuência do “outro” orientador. Varia de caso para caso o que esta situação implica para a criação de um ambiente de construção comum. De um lado, em geral, abre-se um espaço para que o orientando oscile entre orientadores de acordo com as modificações em etapas e ares eventuais, servindo como uma espécie de pára-choques contra o acirramento de crises que poderiam provocar retrocessos. De outro lado, o excesso de afinco de um orientando em seguir as instruções de um dos dois orientadores pode resultar no retraimento, formal ou não, do outro, que se sente preterido enquanto participante no diálogo com o orientando e que acha que o produto final não vai refletir a esperada significância das suas intervenções.

No caso mais comum de dispor de apenas um orientador, quando a relação azedar, os rearranjos de orientação são vividos com uma ansiedade enorme pelos orientandos, bem como pelos orientadores, tornando públicas as dificuldades encontradas na relação e fragilizando ambos os atores. Cria-se um ambiente de exposição ao julgamento do trabalho de discentes e docentes, e os bastidores se tornam o espaço privilegiado para comentar a per-

cepção das “reais razões” que a troca de orientação está ocorrendo. Algumas trocas se processam sem chamar muita atenção; no entanto, mais uma vez, é mais fácil a corda se arrebentar no lado mais fraco e o orientando se tornar órfão, talvez comprometendo a sua permanência no curso, mas sempre deixando a sua contribuição ao anedotário que circula no julgamento do trabalho dos docentes e do próprio discente.

### **Pontos críticos: sumiços, reaparecimentos, estratégias disciplinares**

Uma vez que a tensa escolha da orientação está feita, desenrola-se uma fase intensiva e longa do que chamei da tentativa de fortalecer o “poder convergente”. No trabalho apresentado no V RAM em 2003, Gilberto Velho designa esta etapa como uma etapa de “parceria intelectual”. Sem dúvida a parceria costuma ir muito além da apenas intelectual. Como a minha ênfase é sobre os pontos críticos, darei menos atenção às inúmeras orientações bem sucedidas justamente para chamar a atenção para questões que revelam os jogos complexos nesta relação de poder, independentemente do processo chegar a bom termo ou não.

Não é incomum que orientador e orientando enfrentem o problema de não conseguir encontrar o outro para dar andamento ao trabalho. Não se sabe quem está fugindo de quem, mas as acusações de cada um sempre apontam o outro. Arriscando um excesso de caricaturização, na opinião dos orientadores, orientandos sumidos estão se dedicando aos trabalhos nas disciplinas em que se atrasaram irresponsavelmente (ou foram atrasados pelos cronogramas irresponsáveis dos outros docentes), impedindo a elaboração de projetos melhor fundamentados. Outra hipótese é que o orientando é tão bem aceito no mundo social e festivo dos colegas que não consegue se dedicar ao trabalho. Ainda há os que vivem tendo crises familiares, afetivas e financeiras que impedem que avancem (já ouvi muitos orientadores admirados com a quantidade de parentes dos seus orientandos capazes de entrar em crise justamente na hora errada/certa!). Talvez a pior das circunstâncias é quando a “imaturidade” promove um acanhamento na hora do encontro marcado, e o orientando falta sem explicações. Na opinião dos orientandos, os orientadores somente se dedicam ao que interessa diretamente a eles, só vivem viajando, não sabem respeitar horas marcadas, não

sabem ler direito nem com a velocidade desejada o que é entregue, e chegam mesmo a gostar de intimidar o orientando para que este não se sinta à vontade para conversar.

Citarei agora alguns casos que, desta vez, não são fábulas, sobre orientações. Algumas estratégias disciplinares e manipuladoras são particularmente ilustrativas dos embates em diferentes pontos críticos.

Uma professora-orientadora com uma nova orientanda particularmente disposta a agradar com afagos, favores e elogios mostrava um comportamento que perturbava muito a orientadora. Não escrevia nada. A orientadora chamou-a para uma conversa particularmente dura, insistindo na necessidade de produzir. Nas semanas subseqüentes, a orientadora começou a sofrer insônia e a ver vultos em torno da sua cama, até que uma noite aparecera uma imagem, um tanto imprecisa, da orientanda no meio dos vultos. A professora chamou-a para mais uma conversa e contou-lhe o incidente, questionando-lhe sobre o por quê de a orientanda a estar “embruxando”. A orientanda primeiro se defendeu, dizendo que quem enfeitiça não aparece nas imagens que aparecem para o enfeitiçado, mas parece que se deu por convencida, pois ela se pôs a trabalhar na tese e nunca mais apareceram os vultos para a professora que ganhara de volta a tranqüilidade do seu sono. A manifestação das expectativas de ambos nesta história exigiu a descoberta de um campo comum de entendimento onde as particularidades e expectativas de cada uma fossem respeitadas. O idioma da cumplicidade foi encontrado no terreno do sagrado e da magia, e somente após a demonstração de um respeito mútuo por este campo é que as regras institucionais começaram a vigorar.

Em outra instância, uma ex-orientanda me falou de um ultimato que a sua orientadora apresentou após meses do não aparecimento de mais nada novo escrito e com o prazo se aproximando. “Você entrega três páginas ao dia, ou deixo de orientar”. Por falso que soasse a ameaça da orientadora, cumpriu o acordo. A orientadora teve que trabalhar muito para acompanhar o novo ritmo da orientanda respondendo rapidamente com comentários sobre as páginas escritas, e a orientanda defendeu a contento. A perspectiva de perder a cúmplice já no fim do caminho permitiu o uso de um artifício repressivo necessário para garantir a chegada. Fonte de muita consternação na hora de cumprir com os termos do acordo forçado, após a defesa tornou-se parte do anedotário da ex-

orientanda sobre a visão e cumplicidade da sua orientadora e a sua forma muito particular de construir o poder convergente.

Nem sempre ultimatoss são tão eficazes quanto nestes casos. Podem servir para afastar o orientando ainda mais.

Numa banca de qualificação, perto da hora de defender a dissertação, as professoras colaboradoras na banca foram abertamente elogiosas ao conteúdo de uma revisão de literatura estrangeira de difícil acesso particularmente extensa que o orientador não tinha conseguido conter. Para favorecer a apresentação da parte etnográfica da pesquisa, as examinadoras sugeriram o corte de 75% da revisão. A orientanda não teve dúvida. Revoltada com a contradição entre as avaliações do conteúdo e a recomendação dos cortes para que o trabalho se adequasse às exigências formais, entrou em crise e passou dez meses sem tocar no trabalho. Como isto aconteceu no período pré-Capesiano da pós-graduação brasileira, ainda conseguiu defender depois de muita insistência do orientador ressaltando o valor do seu trabalho, que chegou a ser bastante procurado entre os estudiosos do tema polêmico abordado por ela.

O sumiço é uma das práticas mais frustrantes no processo de orientação, porque costuma comunicar uma quebra da relação da cumplicidade e afinidade estabelecida no processo de elaboração do trabalho. As razões costumam ser totalmente misteriosas para os orientadores. Mesmo quando os colegas discentes saibam mais sobre as razões do sumiço, num ato de solidariedade se apresentam tão perplexos quanto o orientador sobre o que está acontecendo. Esta ação torna o orientador vulnerável, pela sua incapacidade de levar a orientação a bom termo. O problema se acirra ainda mais quando chegam aos seus ouvidos comentários sobre o seu orientando como "O trabalho de fulano está quase pronto," e como orientador já faz meses que não tem notícias do referido trabalho. Como ficou quase pronto? É uma inversão de poder na relação que normalmente deixa marcas indeléveis na relação, criando receios do orientador em propor esforços colaborativos que poderiam contribuir para a inserção do orientando nas redes mais amplas de reconhecimento profissional, na construção do poder convergente e na parceria intelectual.

Um dos sinais mais claros que os orientadores reconhecem de que estão diante de orientandos propensos a sumirem é o pronunciamento da frase "Sou muito perfeccionista"! A expectativa que esta frase gera é da dificuldade de dialogar com uma pessoa

que retém sistematicamente as suas redações porque estas precisam ser aperfeiçoadas, que não se abre para o diálogo frutífero que uma discussão de uma versão preliminar possa trazer. O perfeccionista, escondido na sua própria insegurança, procura aplausos pela sua obra, muito mais que parceria e cumplicidade!

Em outras ocasiões, o sumiço do orientando faz parte do próprio processo de criação de um nicho próprio dele no campo profissional. Nesta hora, o tratamento dado ao caso é que define a contribuição do evento à cumplicidade de orientador e orientando. Uma oferta atraente de emprego, um convite irresistível de participação em pesquisa, uma oportunidade de uma viagem que exporá o orientando a novas e esclarecedoras abordagens, todas são ocasiões para que a parceria seja exercida e que o orientador possa ser acionado para aconselhar sobre como aproveitar estas situações sem prejudicar o andamento no curso. O sumiço, nesse caso, torna-se mais do que compreensível – um exercício de inserção no mundo profissional e uma etapa desejada na construção do trabalho. Mas a cumplicidade faz com que o sumiço tenha um prazo determinado de volta, já em outro patamar favorável a ambos.

Ainda outro lado da moeda é o orientando que nunca some e que marca cada passo dos seus avancinhos através de uma conferência com o orientador. As oportunidades para esgotarem a paciência de qualquer um dos dois neste caminhar são tantas que ameaçam o andamento do processo de orientação e apontam para a necessidade do encontro de um ponto de equilíbrio entre os retiros para a intensificação da reflexão criativa e produção de volume, e a exposição das idéias para diálogos inspiradores de construção mútua.

### **Nervosismo, emoções, rompimentos e uniões**

O poder está freqüentemente comunicado na relação. Uma orientanda predileta (pois existem sempre destas!) que usava com fidelidade e cuidado e o devido nervosismo respeitoso os dez minutos concedidos por orientação nas horas marcadas por seu orientador muito respeitado no campo e notoriamente difícil nas relações humanas, teve coragem de pedir para ele, que era colecionador de máscaras que pendurava na parede atrás do seu escritório, que mudasse a disposição das máscaras. Já era bastante difícil enfrentar o olhar penetrante e os eventuais bocejos de desinteresse disfar-

çado do orientador – que dirá a miríade de olhos das máscaras que o acompanhavam. Na próxima visita, ela notou que, numa demonstração de sensibilidade notável do orientador, as máscaras tinham sido removidas. No seu lugar foram colocados cartazes grandes com figuras humanas, também olhando para a cadeira da orientanda! No final, a aparente sensibilidade do orientador ao constrangimento sentido pela orientanda resultou numa ação que deu no mesmo – o uso de máscaras e cartazes para reforçar subliminarmente o exercício do poder de convencimento dele.

Em outra ocasião, um orientando, estudioso da fronteira brasileira e paraguaia, muito zeloso do seu posicionamento político diante da ditadura no Paraguai nos anos setenta, mandou uma carta em protesto contra o encarceramento de um antropólogo pelo regime. Quando contou orgulhosamente para o seu orientador, fortemente inserido nos movimentos libertários da América Latina, recebeu uma resposta curta e grossa: “Procure outra pessoa para o orientar, porque me recuso a trabalhar com uma pessoa que tem um tal grau de falta de perspicácia política que promove a impossibilidade dele mesmo fazer pesquisa de campo!”. O ex-orientando penou algum tempo para achar um orientador para substituir o ex-orientador. No processo, aprendeu muito sobre as relações de poder entre os docentes no seu curso, e, adicionalmente, passou o tempo restante do seu doutorado exercendo a prática de relações de evitação com o seu primeiro orientador.

Mas nem todos se intimidam com o exercício de poder do orientador. O conhecimento das regras do jogo permite que alguns orientandos perspicazes consigam aproveitar bem os encontros com os seus orientadores. Já na reta final da sua tese, um orientando confidenciou aos seus amigos que ele tinha terminado uma versão completa muito bem amarrada da sua tese de cinco capítulos, mas sabia que o orientador, por obrigação dentro das tradições da academia, mandaria refazer alguma coisa. Por isso, substituiu a versão definitiva com a versão preliminar do capítulo quatro. A ação surtiu o efeito desejado. O orientador disse que estava tudo muito bem, menos o capítulo quatro. O orientando passou três semanas na praia, e depois entregou o capítulo quatro que ele já tinha elaborado antes, defendendo o trabalho todo logo em seguida com o orientador satisfeito com a contribuição que ele tinha dado ao orientando e com o orientando ainda mais satisfeito com o golpe que ele tinha conseguido dar.

As orientações podem ser processos de trocas de idéias e de relacionamento interpessoais tão intensas que provoquem sérias modificações na vida cotidiana de orientandos e orientadores. Co-

nheço diversas situações em que as relações de amizade e cumplicidade foram tão importantes para ambos que, por entendimento mútuo, acionaram uma troca de orientação para evitar que a desigualdade inerente no processo corroesse a amizade.

Pelo outro lado, acredito que não haja pessoa envolvida na pós-graduação que não possa citar pelo menos um caso em que a troca de entusiasmo sobre temas semelhantes e a intensidade das relações pessoais tenham resultado em separações conjugais e novas uniões que brotaram da orientação, colocando os bastidores na frente do palco. O curioso é que, se a memória não me trai, e certamente sujeito a um ou outro contra-exemplo contundente, isto ocorre com orientador e orientanda e não tanto com orientadora e orientando. Certamente isto manifesta uma certa sintonia entre dois contextos de relações de poder desiguais. As controvérsias sobre isto passam para os bastidores onde há esferas muito prezadas de fofocas profundas. Será que esta ocorrência reforça a tese da esperteza hipergâmica feminina e da lerdeza hipogâmica masculina? Leva uma parceria intelectual para novas fronteiras? Anula a construção do poder convergente no campo de saber? Cria uma aliança reforçada? Exige uma reparação para os parceiros preteridos? As respostas são tantas quantas as opiniões das que têm o prazer de opinar. De qualquer jeito, a orientação, no palco e nos bastidores, não é uma atividade neutra.

### **Algumas considerações**

Para resumir, o processo de orientação evolve uma troca intensa, uma construção conjunta, um poder convergente, mesmo que desigual. Pode-se ficar fazendo-se de sabido com outros poderosos contando com a força do seu orientador leão, bem alimentado pelos seus esforços de atração; pode-se seguir os mandamentos e bajular permanente e descaradamente para evitar atritos, e pode-se aprender a importância de deixar o orientador (e, porque não, os outros) falarem primeiro. Há muitos artifícios de ambos os atores para acionar a construção e desconstrução das relações desiguais de poder instituídos no processo de orientação.

Mas em muitos momentos críticos os bastidores se tornam palco. Os exemplos mostram uma diversidade de situações cujas influências sobre o processo precisariam de uma interpretação muito mais pormenorizada que a que foi apresentada aqui. Mesmo sem que desmorem as bases fundamentais do palco de convergências

temáticas, teóricas e técnicas em contextos institucionais, é importante que a compreensão do processo de orientação não menospreze as relações subjetivas e cotidianas que ora consigam amenizar a dureza da desigualdade de poder, ora consigam intensificá-la, mas que certamente contribuem para que este campo de relações extrapole, no melhor sentido da palavra, os limites restritos das formalidades institucionais.

## Referências Bibliográficas

- ADAMS, Richard N. 1975. *Energy and Structure: A theory of social power*. Austin: University of Texas Press.
- FOUCAULT, Michel. 1979. *Discipline and Punish: the Birth of the Prison*. Tr. Alan Sheridan. Nova Iorque: Vintage Books.
- GOFFMAN, Erving. 1968. *Relations in Public: Microanalysis of the Public Order*. N. Iorque: Basic Books.
- KUPER, Adam. 1978. *Antropólogos e Antropologia*. R. J.: Francisco Alves.
- \_\_\_\_\_. 2002. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Tr. Mirtes Frage de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: EDUSC.
- PEIRANO, Mariza. 1992. *Uma Antropologia no Plural*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- \_\_\_\_\_. 1995. *A Favor da Etnografia*. R.J.: Relume-Dumará.
- SCOTT, James C. 1985. *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*. New Haven e Londres: Yale.
- \_\_\_\_\_. 1990. *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*. New Haven/ Londres: Yale.
- STOCKING, George. 1995. *After Tylor: British social Anthropology, 1888-1951*. Madison: University of Wisconsin.
- \_\_\_\_\_. 1983. "Observers Observed. Essays on Ethnographic Fieldwork". HOA 1, Univ. of Wisconsin.
- \_\_\_\_\_. 1968. *Race, Culture and Evolution: essays in the history of Anthropology*. New York.
- VELHO, Gilberto. 2004. "Orientação e a Parceria Intelectual." Trabalho apresentado na Quinta Reunião de Antropologia do Mercosul, Florianópolis, 30 novembro a 3 de dezembro.
- WEBER, Max. 1968. *The theory of social and economic organization*. Glencoe: The Free Press.
- [www.geocities.com/trabalhostecnicos](http://www.geocities.com/trabalhostecnicos) - acessado em 15 de outubro 2003.

## Notas

<sup>1</sup> Talvez sintomático da disciplina antropológica, é possível ressaltar que leituras cuidadosas de historiadores e intérpretes da antropologia como Adam Kuper (1978, 2002), George Stocking (1968, 1983, 1995) e Mariza Peirano (1992, 1995), bem como numerosos outros, revelam como estes autores tratam, com uma seriedade muito valorizadora das fofocas, a identificação de alianças quebradas e de alianças continuadas no processo de orientação.

<sup>2</sup> Com a intenção de ser compreendido no duplo sentido de disciplina acadêmica e de poder disciplinar, usado por Foucault (1979, 1980).

<sup>3</sup> O uso de "domínio" aqui é feito de acordo com a terminologia de Richard Adams (1975) no livro *Energy and Structure: A Theory of Social Power*, que pontua formas de conceitualizar relações de poder.